

ELSINORE

SVETLANA
PRÉMIO NOBEL DE LITERATURA
ALEXIEVICH

RAPAZES

DE
ZINCO

Tradução de
Galina Mitrakhovich

Prefácio de
José Milhazes



A GERAÇÃO
SOVIÉTICA CAÍDA
NA GUERRA
DO AFGANISTÃO

ÍNDICE

9

Prefácio

José Milhazes

—

17

Prólogo

—

25

Dos blocos de notas (na guerra)

—

41

Primeiro dia

«Porque virão muitos em Meu nome...»

—

121

Segundo dia

«Aquele morre com a amargura na alma...»

—

199

Terceiro dia

«Não recorrais às evocações e aos sortilégios;
não vos contamineis com isso.»

—

269

Post mortem

—

273

O julgamento do livro *Rapazes de Zinco*
(a história em documentos)

—

PREFÁCIO

«Devolveram-me outra pessoa... Não era o meu filho.»

«A fera nunca pode ser tão cruel como o homem,
tão artisticamente, tão esteticamente cruel.»

FIÓDOR DOSTOIÉVSKI, *Os Irmãos Karamázov*

Outra vez a guerra, outra vez Svetlana Alexievich com o seu naturalismo cruel e duro, outra vez os dirigentes políticos a não se importarem com os rapazes que regressam a casa em «caixões de zinco», a fazerem ouvidos moucos face aos gritos das crianças e dos civis inocentes na Síria, no Iémen, no Sudão, na Somália, etc.

Rapazes de Zinco foi a terceira obra publicada pela vencedora do Prémio Nobel de Literatura de 2015, tendo as duas anteriores sido também dedicadas à temática da guerra, ou mais precisamente, das guerras. Sim, porque se trata de duas guerras diferentes.

A Guerra não Tem Rosto de Mulher e *As Últimas Testemunhas* (cem histórias nada infantis), ambas editadas em 1985, quando a censura começou a abrandar com a eleição de Mikhaíl Gorbachev para secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), são dedicadas às mulheres e crianças que combateram ou tombaram na Grande Guerra Patriótica — assim era conhecida a Segunda Guerra Mundial (1939–1945) na União Soviética. Trata-se de um

combate contra o nazismo alemão em prol da independência da URSS e, por isso, é quase unanimemente considerada uma guerra libertadora. Foram muitos os que puseram de lado o facto de serem eles próprios e seus familiares vítimas das repressões estalinistas e rumaram à frente de combate para defender o seu país.

Editado na íntegra em 1989, ano em que os soldados soviéticos saíram do Afeganistão, *Rapazes de Zinco* é, porém, o retrato cruel de uma guerra imperialista, agressiva, da direcção comunista da União Soviética contra um dos seus vizinhos. Embora fosse propagandeada como «ajuda internacionalista» ao povo afegão na luta contra os «senhores feudais», o «imperialismo», etc., ela começou a despertar dúvidas na sociedade soviética, principalmente à medida que crescia o número de caixões que vinham do Afeganistão: «Fui convocado em 1981. A guerra já durava há dois anos, mas na “vida civil” sabia-se pouco dela e falava-se pouco. A nossa família pensava assim: se o governo enviou tropas para lá, é porque foi necessário. Assim raciocinava o meu pai, os vizinhos. Não me lembro de alguém ter uma opinião diferente. Nem as mulheres choravam, ainda estava tudo longe e não metia medo. Era e não era uma guerra, se admitirmos que fosse, era algo estranha, sem mortos nem prisioneiros. Ainda ninguém tinha visto caixões de zinco. Soubemos mais tarde que os caixões já chegavam à cidade, mas os funerais ocorriam às escondidas, de noite, nas lápides escreviam “morreu” em vez de “tombou”. Mas ninguém se perguntava: porque começaram de repente a morrer na tropa rapazes de dezanove anos? De vodca ou de gripe? Ou comeram laranjas a mais? Choravam-nos os seus familiares, os demais seguiam a sua vida de sempre, já que não lhes tocara a eles. Os jornais escreviam que os nossos soldados construíam pontes, plantavam áleas de amizade e os nossos médicos tratavam mulheres e crianças afegãs», recorda um dos soldados cujo relato é publicado nesta obra.

Os militares soviéticos que morreram nessa guerra ficaram conhecidos como «rapazes de zinco», porque regressavam à terra

natal em caixões de madeira que, por sua vez, continham caixões de zinco soldados. Eles ficaram também conhecidos pelo nome de código «carga duzentos». E foi precisamente à medida que se alargava a geografia da entrega dessa «carga» que os Soviéticos despertaram para a injustiça e a crueldade do conflito.

Este livro, tal como os dois anteriores citados, baseia-se nas memórias das mães e esposas daqueles que não regressaram ou regressaram como «outras pessoas», bem como em relatos de soldados e oficiais que passaram pelo inferno do Afeganistão.

Desde Abril de 1978, quando um golpe militar de oficiais pró-soviéticos tomou o poder em Cabul, que esse país da Ásia Central começou a mergulhar numa guerra civil cada vez mais sangrenta. À luta entre os grupos rivais no Partido Popular Democrático do Afeganistão, que pretendia «fazer passar o Afeganistão do feudalismo para o socialismo, ladeando o capitalismo», juntou-se a resistência da oposição às reformas marxistas.

A 15 de Março de 1979, teve início um levantamento comandado pelo capitão Turan Ismail, que durante a guerra contra os Soviéticos passou a ser conhecido como o «Leão de Herat». Embora tenha sido esmagado pelas tropas governamentais, isso levou os dirigentes afegãos a pedirem a intervenção militar da União Soviética, mas receberam uma resposta negativa. Leoníd Brejnev, secretário-geral do PCUS, afirmou numa reunião do Bureau Político: «Penso que não devemos agora envolvermo-nos nessa guerra. É preciso explicar [...] aos camaradas afegãos que nós podemos ajudá-los em tudo o que for necessário [...]. A participação das nossas tropas no Afeganistão pode não só prejudicar-nos como, antes de mais, pode prejudicar os Afegãos.»

Porém, Brejnev não conseguiu resistir à pressão do ministro da Defesa, Dmítri Ustínov, e de outros membros do Bureau Político do PCUS (apenas um, Alekséi Kossýgin, primeiro-ministro soviético, se opôs a esta operação militar), tendo sido dada ordem para invadir o país vizinho. Paralelamente, um grupo de tropas especiais

do KGB (serviços secretos soviéticos) realiza uma operação para tomar o palácio de Hafizullah Amin, então presidente do Afeganistão, que é também liquidado durante o ataque. Porém, o jornal *Pravda* (*Verdade*) noticiava que «devido à crescente onda da ira popular, Amin e a sua camarilha foram sujeitos a um tribunal popular e ele foi executado».

Os americanos não perderam tempo e decidiram apoiar a oposição ao novo regime pró-soviético imposto pela força das armas. Ainda antes da invasão militar, o presidente Jimmy Carter autorizara o fornecimento de armamentos a vários grupos. Era a lógica da Guerra Fria a funcionar.

Recordo-me perfeitamente do dia em que foi transmitida a notícia do envio de «um contingente limitado de tropas soviéticas» para o Afeganistão: foi no dia de Natal, 25 de Dezembro de 1979. Recebi-a de um colega soviético da Universidade de Moscovo, que eu então frequentava, mas tive dificuldade em acreditar no que ouvia, tal era o carácter inexplicável e criminoso da invasão.

A censura comunista, como recorda um dos veteranos desse conflito, «vigia atentamente as reportagens de guerra para que não mencionem as mortes dos nossos soldados, convencem-nos de que o “contingente limitado” de tropas soviéticas ajuda o povo irmão a construir pontes, estradas, escolas, distribui farinha e fertilizantes pelos *kichlaks*, enquanto os médicos soviéticos assistem aos partos das mulheres afegãs». Enquanto morriam dezenas e centenas de militares de todas as nacionalidades da União Soviética, «a televisão mostra como se plantam as áleas de amizade que aqui nenhum de nós viu nem plantou».

O resultado de uma guerra que durou quase dez anos foi trágico: mais de quinze mil «rapazes de zinco» e de cinquenta mil feridos soviéticos. Entre os afegãos, as perdas foram muito maiores.

Além deste balanço, é de acrescentar aqueles combatentes que chegaram a casa inválidos ou psiquicamente afectados. Talvez não

seja por acaso que Svetlana Alexievich comece o prólogo com o seguinte relato:

Vou sozinha... A partir de agora terei de ir sozinha durante muito tempo...

Ele matou uma pessoa... O meu filho... Com um pequeno machado de cozinha, que eu usava para arranjar carne. Regressou da guerra e matou aqui... Trouxe o pequeno machado de volta e pô-lo no seu lugar, no armário onde guardo a louça. Acho que nesse mesmo dia lhe cozinhei uns bifes... Passado algum tempo, anunciaram na televisão e escreveram no vespertino que os pescadores tinham tirado um cadáver do lago... Todo desmembrado... Telefona-me uma amiga:

«Leste? Um homicídio profissional... À maneira afegã...»

A mãe deste veterano exclama: «Devolveram-me outra pessoa... Não era o meu filho.» E a escritora-jornalista procura nesta obra ouvir não só relatos da guerra, mas esse terrível processo traumático após o regresso a casa.

A fim de poupar e proteger os seus interlocutores, Svetlana Alexievich não identificou os seus nomes junto aos textos e, quando o livro foi publicado, teve o efeito de uma explosão bombástica na sociedade; alguns dos visados, incitados por aqueles que continuavam a apregoar a «missão internacionalista» soviética no Afeganistão, acusaram a escritora-jornalista de ter «distorcido» relatos, publicado «mentiras», «invenções descaradas».

Não me irei debruçar aqui sobre a análise do processo judicial, pois os seus documentos são publicados neste livro — e cada leitor que faça o seu juízo. Apenas quero destacar as palavras escritas pelo grande escritor bielorrusso Vassíl Býkov em 1994: «A respiração sinistra da política imperial, que não foi levada até ao fim no Afeganistão, sente-se cada vez mais claramente na Bielorrússia. O julgamento de Svetlana Alexievich é apenas um episódio na longa cadeia de manifestações implícitas e explícitas desse género.

SVETLANA ALEXIEVICH

Não é apenas o partido de Jirinóvski que transpira a saudade da superpotência e dos mares quentes, cujos apoiantes na Bielorrússia também não são poucos. “Abanar” a sociedade pós-totalitária, “cimentá-la” com novo sangue — eis o meio para atingir o mesmo fim — o ideal ultrajado do dia de ontem...»

Em 2016, tanto as palavras de Býkov como a obra de Alexievich continuam extremamente actuais. A Rússia, que pretende o papel de herdeira da URSS, atola-se cada vez mais no sangrento conflito da Síria, e o número de «rapazes de zinco» vai aumentar...

Será mesmo que a História não ensina nada?

—

José Milhazes

Casais de Santa Teresa, Dezembro de 2016

Nota: por opção do autor, o prefácio respeita a grafia do Acordo Ortográfico de 1945.

A 20 de janeiro de 1801, os cossacos de Vassili Orlóv, um chefe cossaco do Don, receberam ordem de ir para a Índia. Têm um mês para chegar até Oremburgo e, a partir daí, três meses de viagem «através da Bucara e de Khiva até ao rio Indo». Pouco tempo depois, trinta mil cossacos atravessam o Volga e penetram nas estepes cazaques...

Em Luta Pelo Poder: Páginas da história política da Rússia do século XVII, Moscovo, Mysl, 1988, p. 475

Em dezembro de 1979, o governo soviético tomou a decisão de enviar as tropas para o Afeganistão. A guerra durou de 1979 a 1989. Nove anos, um mês e dezanove dias. Pelo Afeganistão passou mais de meio milhão de militares do contingente limitado do Exército soviético. As perdas humanas das forças armadas soviéticas totalizaram 15 051 pessoas; 417 militares desapareceram ou foram feitos prisioneiros. Segundo dados de 2000, 287 pessoas eram tidas por desaparecidas ou não tinham regressado do cativeiro...

Polit.ru, 19 de novembro de 2003

PRÓLOGO

Vou sozinha... A partir de agora terei de ir sozinha durante muito tempo...

Ele matou uma pessoa... O meu filho... Com um pequeno machado de cozinha, que eu usava para arranjar carne. Regressou da guerra e matou aqui... Trouxe o pequeno machado de volta e pô-lo no seu lugar, no armário onde guardo a louça. Acho que nesse mesmo dia lhe cozinhei uns bifes... Passado algum tempo, anunciaram na televisão e escreveram no vespertino que os pescadores tinham tirado um cadáver do lago... Todo desmembrado... Telefona-me uma amiga:

«Leste? Um homicídio profissional... À maneira afegã...»

O meu filho estava em casa estendido no sofá, a ler um livro. Eu ainda não sabia de nada, não suspeitava de nada, mas, por alguma razão, depois daquelas palavras, olhei para ele... Coração de mãe...

Não ouve o ladrar dos cães? Não? Mas eu, mal começo a falar disto, ouço logo o ladrar dos cães. O correr dos cães... Lá, na prisão onde ele está agora, há pastores-alemães grandes, pretos... E homens vestidos de preto, só de preto... Regresso a Minsk, ando na rua, passo ao lado de uma padaria ou de um infantário, levo um pão e leite e ouço o ladrar dos cães. Um ladrar ensurdecidor. Deixa-me cega... Uma vez, por pouco não fui parar debaixo de um carro...

Estou pronta a visitar o túmulo do meu filho... Estou pronta a fazer ali, ao lado dele... Mas não sei... Não sei como hei de viver com isto... Às vezes, tenho medo de entrar na cozinha, de ver aquele

louceiro onde estava o pequeno machado... Não ouve nada? Nada mesmo... Não?!

Não sei como o meu filho é hoje. Como será quando o reencontrar, daqui a quinze anos? Foi condenado a quinze anos de regime rigoroso... Como é que o eduquei? Ele gostava de danças de salão... Fomos juntos a Leninegrado, visitámos o Museu Hermitage. Lemos livros juntos... [Chora.] Foi o Afeganistão que me tirou o meu filho...

... Recebemos um telegrama de Tachkent: «Venham buscar-me, chego no voo tal...» Saltei para a varanda, apetecia-me gritar com todas as minhas forças: «Está vivo! O meu filho voltou vivo do Afeganistão! Esta horrenda guerra para mim acabou!» E desmaiei. Obviamente, chegámos tarde ao aeroporto, o nosso voo tinha aterrado havia tempo, encontrámos o nosso filho num jardim nas proximidades. Estava estendido no chão, agarrado à relva, encantado por ser tão verde. Não acreditava que tinha regressado... Mas não havia alegria no seu rosto...

À noite vieram os vizinhos com a sua filha pequena, tinha no cabelo um lacinho de um azul vivo. Ele pegou nela ao colo, apertou-a contra si e chorou, as lágrimas corriam-lhe sem parar. Porque lá eles matavam. E ele... Compreendi-o mais tarde.

Na fronteira, os funcionários alfandegários tiraram-lhe as cuecas importadas. Eram americanas. Não era permitido... De modo que chegou sem roupa interior. Trazia um roupão para mim, naquele ano eu fazia quarenta anos, tiraram-lhe o roupão. Trazia um lenço de cabeça para a avó: também lho tiraram. Veio só com flores. Com gladiolos. Mas não havia alegria no seu rosto.

Levanta-se de manhã, ainda normal: «Minha mãe! Minha mãe!» Para o final do dia o rosto escurece-se-lhe, os olhos tornam-se pesados... Não dá para descrever... A princípio não bebia, nem um pingo... Senta-se e olha para a parede. Salta do sofá, pega no blusão...

Ponho-me à porta:

«Aonde vais, Valiúchka?»

Olha-me com um olhar vazio. Vai-se embora.

Regresso tarde do trabalho, a fábrica fica longe, faço o segundo turno, toco à porta, e ele não a abre. Não reconhece a minha voz. É tão estranho, pode bem não reconhecer as vozes dos amigos, mas não a minha. Tanto mais que só eu o chamava assim, de Valiúchka. Parecia estar sempre à espera de alguém, com medo. Comprei-lhe uma camisa nova, fi-lo experimentá-la, vi que tinha cortes nos braços.

«O que foi?»

«Nada, mãezinha.»

Soube-o mais tarde. Depois do processo em tribunal... Na unidade de formação cortou os pulsos... Ele era radiotelegrafista e num exercício de demonstração não conseguiu instalar a tempo o aparelho de rádio numa árvore, ultrapassou o tempo estipulado, e o sargento obrigou-o a tirar da retrete cinquenta baldes e a passar com eles diante da formatura. Começou a levá-los e perdeu os sentidos. No hospital diagnosticaram-lhe uma comoção nervosa ligeira. Nessa mesma noite tentou cortar os pulsos. Pela segunda vez o tentou no Afeganistão... Antes de partirem num raide, verificou-se que o aparelho de rádio não funcionava. Desapareceram umas peças raras, um deles devia tê-las roubado... Quem teria sido? O comandante acusou-o de cobardia, como se ele mesmo tivesse escondido as peças para não ir com os outros. Mas roubavam todas as coisas uns aos outros, desmontavam veículos e levavam as peças para os *dukans*¹, vendiam-nas. Compravam droga... Droga, cigarros. Comida. Andavam sempre esfomeados.

Na televisão passava um programa sobre Édith Piaf, víamo-lo juntos.

«Mãe», perguntou-me, «sabes o que são drogas?»

«Não», menti-lhe, embora já andasse a vigiá-lo. Será que fuma alguma coisa?

Não havia nenhum sinal. Mas eles lá consumiam droga: eu sabia disso.

¹ Do árabe *dukkân*, «loja». [Todas as notas são da responsabilidade da tradutora.]

«Como era lá, no Afeganistão?», perguntei certa vez.

«Cala-te, mãezinha!»

Quando ele saía de casa, eu relia as suas cartas afegãs, queria descobrir, compreender o que se passava com ele. Não encontrava nada de especial nelas, ele escrevia que tinha saudade da relva verde, pedia que a avó tirasse uma fotografia na neve e lha enviasse. Mas eu via, eu sentia que se passava alguma coisa com ele. Devolveram-me outra pessoa... Não era o meu filho. Pois se tinha sido eu própria a mandá-lo para a tropa, ele podia ter direito a adiar o serviço militar. Eu queria que se tornasse mais homem. Convencia-o e a mim mesma de que o Exército o tornaria melhor, mais forte. Mandeio para o Afeganistão com uma guitarra, preparei uma pequena festa de despedida. Ele convidou amigos, raparigas... Lembro-me de ter comprado dez bolos.

Só falou do Afeganistão uma vez. Estávamos no fim do dia... Ele entra na cozinha, estou a arranjar um coelho. O alguidar está manchado de sangue. Ele molha os dedos nesse sangue e fita-os. Examina-os. E diz para si:

«Trazem um amigo meu com a barriga esmagada... Ele pede-me que eu lhe dê o golpe de misericórdia... E dei-lho...»

Dedos ensanguentados... Da carne fresca do coelho... Pega com os mesmos dedos no cigarro e vai para a varanda. Naquela noite, não me dirigiu palavra.

Procurei os médicos. Devolvam-me o meu filho! Salvem-no! Contei-lhes tudo... Examinaram-no, mas não encontraram nada, a não ser uma radiculite.

Um dia chego a casa: à mesa estão quatro rapazes que não conheço.

«Mãezinha, eles chegaram do Afgan². Encontrei-os na estação ferroviária. Não têm onde pernoitar.»

Não sei porque fiquei contente.

² Forma coloquial abreviada de «Afeganistão».

«Faço-vos já uma tarte. Num instante.»

Ficaram em nossa casa uma semana. Não contei, mas devem ter bebido umas três caixas de vodca. Todas as noites me vi em casa com cinco pessoas desconhecidas. A quinta era o meu filho. Não queria ouvir-lhes as conversas, assustavam-me. Mas, estando na mesma casa... Ouvi sem querer... Diziam que, quando estavam numa emboscada durante duas semanas, lhes davam uns estimulantes para ser mais arrojados. Mas guardavam segredo disso. Que arma mata melhor... A que distância... Lembrei-me disso mais tarde, quando tudo aconteceu... Comecei então a pensar, a forçar a memória. Até essa altura, só havia medo: *Oh, dizia-me, estão todos loucos. São uns anormais.*

De noite... Antes daquele dia... Quando matou... Sonhei que estava à espera do meu filho, que nunca mais aparecia. Eis que mo trazem... Trazem-no aqueles quatro «afegãos»³. E atiram-no sobre um chão de cimento sujo. Um chão de cimento numa habitação, está a ver... Na nossa cozinha... O chão — como numa prisão.

Naquela altura já ele estava matriculado num curso de preparação para ingresso no instituto de radiotecnica. Tinha escrito uma boa redação. Era feliz por tudo lhe correr bem. Até comecei a pensar que se iria acalmar. Iria estudar. Casar-se. Mas chegava a noite... Eu tinha medo da noite... Ele ficava sentado, a fitar a parede. Adormecia no cadeirão... Quero correr para ele, protegê-lo com o meu corpo e não deixar que se vá embora. Agora, nos meus sonhos, é pequeno e pede-me para comer... Está sempre com fome. Estende os braços... Sonho sempre com ele pequeno e humilhado. E na vida real? Uma visita a cada dois meses. Quatro horas de conversa através do vidro...

Duas visitas por ano em que ao menos posso levar-lhe comida. E o ladrar dos cães... Habita os meus sonhos. Persegue-me por todo o lado.

³ Nome popular dado aos veteranos da guerra no Afeganistão.

Um homem começou a cortejar-me... Trouxe flores... Quando mas ofereceu, comecei a gritar-lhe: «Afaste-se de mim, sou mãe de um assassino.» Nos primeiros tempos tinha medo de encontrar alguém conhecido, fechava-me na casa de banho, à espera de que as paredes desabassem sobre mim. Parecia-me que na rua todos me reconheciam, apontam-me uns aos outros, sussurram entre si: «Lembra-se daquele caso horrendo... Foi o filho dela quem matou. Esquartejou uma pessoa. À maneira afegã...» Saía só à noite, fiquei a conhecer todas as aves noturnas. Reconhecia-as pelas vozes.

A instrução do inquérito estava em curso... Já durava há uns meses... Ele não dizia nada... Fui para Moscovo, para o Hospital Militar Burdenko. Encontrei lá rapazes que, como ele, serviram nas tropas especiais. Abri-me com eles...

«Digam-me, rapazes, porque foi o meu filho capaz de matar uma pessoa?»

«É porque houve um motivo.»

Eu própria devia convencer-me de que ele fora capaz de o fazer... De ter matado... Interroguei-os longamente e compreendi: ele fora capaz! Interroguei-os sobre a morte... Não, não sobre a morte, mas sobre o assassinio. Mas esta conversa não provocava neles nenhum sentimento particular, o que qualquer assassinio costuma provocar em alguém normal que nunca vira sangue. Eles falavam da guerra como um trabalho que implicava matar. Mais tarde, encontrei rapazes que também estiveram no Afeganistão e que depois foram para a Arménia, depois do terramoto que houve lá, com as equipas de salvamento. Interessava-me saber (já tinha esta ideia fixa): tinham medo?, o que sentiam ao presenciar a morte? Não, nada os assustava, até o sentimento de piedade neles estava abafado. Corpos rasgados... esmagados... crânios... ossos... Escolas inteiras enterradas... Turmas inteiras... As crianças ficaram soterradas tal como estavam na sala de aula. Mas eles recordavam e contavam outras coisas: que ricas adegas desenterravam, que conhaque, que vinho bebiam. Brincavam: oxalá a terra tremesse noutra lugar.

Mas que fosse um lugar quente, onde há vinhas e fazem bom vinho... Serão eles saudáveis? Terão uma mente normal?

«Odeio-o mesmo morto», escreveu-mo há pouco tempo. Cinco anos depois... O que realmente se passou? Continua em silêncio. Sei apenas que aquele rapaz, de nome Iúri, se gabava de ter ganhado muitos cheques⁴ no Afeganistão. Mais tarde soube-se que servira na Etiópia, era sargento-mor da intendência. O do Afeganistão era uma mentira...

Em tribunal, só a advogada disse que estávamos a julgar um doente. Que no banco dos réus não estava um criminoso, mas um doente que era preciso tratar. Mas, naquela altura, há sete anos, ainda não tinha vindo à tona a verdade sobre o Afeganistão. Chamavam todos de heróis. Combatentes internacionalistas. Ao passo que o meu filho era assassino... Por ter feito aqui o que eles faziam lá. E pela mesma coisa recebiam ordens e medalhas... Porque o julgaram só a ele? Porque não julgaram os que o enviaram para lá? Ensinaram-no a matar! Não lhe ensinei isso... [*Descontrola-se e grita.*]

Ele matou uma pessoa com o meu pequeno machado de cozinha... E de manhã trouxe-o de volta e pô-lo no louceiro. Como uma colher ou um garfo comum...

Invejo a mãe cujo filho regressou sem as duas pernas... Mesmo que ele a odeie, depois de uma bebedeira. Mesmo que odeie o mundo inteiro... Que se atire a ela, como uma fera. Ela paga-lhe prostitutas, para ele não enlouquecer... Ela própria se lhe entregou uma vez porque ele se esforçava por ir à varanda, queria atirar-se do décimo andar. Aceito tudo... Tenho inveja de todas as mães, mesmo daquelas cujos filhos jazem nas sepulturas. Sentar-me-ia junto à sepultura e seria feliz. Traria flores.

Ouve o ladrar dos cães? Correm atrás de mim. Estou a ouvi-los...

Mãe

⁴ Nome de uma espécie de moeda paralela que existiu na URSS entre 1964 e 1988, com que se pagavam os salários aos cidadãos soviéticos que trabalhavam no estrangeiro.

DOS BLOCOS DE NOTAS (NA GUERRA)

Junho de 1986

Não quero voltar a escrever sobre a guerra... Voltar a viver no meio da «filosofia do desaparecimento» em vez da «filosofia da vida». Recolher a experiência infinita da não existência. Depois de terminar *A Guerra não Tem Rosto de Mulher*, durante muito tempo fui incapaz de ver o sangue a correr do nariz de uma criança atingida por uma pancada, e nas férias fugia dos pescadores que, alegres, atiravam sobre a areia o peixe que tinham acabado de tirar das profundezas longínquas; os seus olhos parados e esbugalhados davam-me náuseas. Para se proteger da dor, cada pessoa possui a sua própria reserva de forças, física e psicológica, e a minha estava completamente esgotada. O uivo do gato apanhado por um carro deixava-me louca, virava a cara para não ver uma minhoca esmagada. Uma rã já seca na estrada... Muitas vezes pensei que os animais, os pássaros e os peixes também têm direito à sua história de sofrimento. Um dia ela será escrita.

E de repente... Se é que se pode dizer «de repente». Corre o sétimo ano de guerra... Mas, além das heroicas reportagens televisivas, não sabemos nada acerca dela. De vez em quando, sentimo-nos estremecer pelos caixões de zinco trazidos de longe, que não cabem nas *khrushchevkas*¹ diminutas. Acabam as salvas fúnebres, e regressa o

¹ Prédios de habitação social pré-fabricados, de poucos andares, construídos em massa durante o governo de Nikita Khrushchev (1953-1964).

silêncio. A nossa mentalidade mitológica é inabalável: somos justos e grandes. E temos sempre razão. Ardem e extinguem-se os últimos reflexos das ideias da revolução mundial... Ninguém repara que o incêndio já está em casa. Incendiou-se a nossa própria casa. Começou a *perestroika* de Gorbachev. Ansiamos por uma vida nova. O que temos pela frente? Do que seremos capazes ao fim de tantos anos de uma letargia artificial? Enquanto os nossos rapazes morrem algures, longe, não se sabe porquê...

Do que se fala à minha volta? Escreve-se sobre o quê? Sobre o dever internacionalista e a geopolítica, os interesses soberanos e as nossas fronteiras meridionais. E nós acreditamos nisso. Se acreditamos! As mães que ainda há pouco tempo se agarravam em desespero às cegas caixas de metal em que lhes devolviam os filhos discursam nas escolas e nos museus militares, num apelo para que outros rapazes «cumpram o seu dever perante a Pátria». A censura vigia atentamente as reportagens de guerra para que não mencionem as mortes dos nossos soldados, convencem-nos de que o «contingente limitado» de tropas soviéticas ajuda o povo irmão a construir pontes, estradas, escolas, distribui farinha e fertilizantes pelos *kichlaks*², enquanto os médicos soviéticos assistem aos partos das mulheres afegãs. Os soldados que regressaram levam guitarras às escolas para cantar o que deveria ser gritado.

Tive uma longa conversa com um deles... Eu queria ouvir falar desta escolha dilacerante: disparar ou não disparar? Contudo, ele não parecia ver nisso drama nenhum. O que é bom? O que é mau? É bom matar «em nome do socialismo»? Para estes rapazes, os limites da moralidade são definidos pelas ordens dos superiores. É verdade que falam da morte com mais cautela do que nós. Aí revela-se logo a distância que nos separa.

*

² Povoação rural no Azerbaijão, na Ásia Central e no Afeganistão.

Como é possível viver a história e ao mesmo tempo escrever sobre ela? É impossível agarrar pelo cachaço um fragmento da vida, toda a sujidade existencial, e arrastá-los para dentro do livro. Para dentro da história. É preciso «abrir uma brecha no tempo» e «captar o espírito».

«A essência da tristeza emite vinte sombras» (William Shakespeare, *Ricardo II*).

... Na sala de espera semideserta de uma estação de autocarros, estava sentado um oficial com a sua mala de viagem, e ao lado dele um rapazito magro de cabelo cortado à soldado, máquina zero, cavava com um garfo num vaso com um fícus seco. Sentaram-se junto dele umas aldeãs e indagaram ingenuamente: para onde, para quê, quem? O oficial acompanhava até casa o soldado, que perdera o juízo: «Cava desde Cabul, cava com o que lhe vem parar às mãos: uma pá, um garfo, um pau, uma caneta.» O rapazito levantou a cabeça: «É preciso esconder-se... Vou cavar uma trincheira... Consigo ser rápido. Chamávamos-lhes valas comuns. Vou cavar uma trincheira grande para vocês todos...»

Pela primeira vez na vida, vi pupilas do tamanho dos olhos...

Estou no cemitério municipal... Centenas de pessoas ao meu redor. No centro, nove caixões forrados de chita vermelha. Discursam militares. Um general tomou a palavra... As mulheres de preto choram. As pessoas guardam silêncio. Só uma menina pequena, de trancinhas, sufoca em soluços diante de um caixão: «Papá! Paiziinho!! Onde estás? Prometeste trazer-me uma boneca. Uma boneca bonita! Pinte para ti um álbum inteiro de casinhas e florzinhas... Estou à tua espera...» Um jovem oficial pega na menina e leva-a ao colo para um *Volga* preto. Mas ouve-se ainda durante muito tempo: «Papá! Paiziinho... Querido paiziinho...»

O general discursa... As mulheres de preto choram. Nós guardamos silêncio. Porque guardamos silêncio?

Não quero guardar silêncio... E não posso voltar a escrever sobre a guerra.

Setembro de 1988

5 de setembro

Tachkent. O ar no aeroporto está abafado, cheira a melão, não é um aeroporto, mas um meloal. São duas da madrugada. Os gatos gordos semisselvagens (dizem que são afegãos) mergulham sem medo debaixo dos táxis. No meio dos veraneantes bronzeados, no meio de caixas e cestos de fruta, uns soldados jovens, quase meninos, saltam com muletas. Ninguém lhes presta atenção, habituaram-se. Dormem e comem aqui mesmo, no chão, em cima de jornais e revistas velhas, durante semanas não conseguem comprar passagens para Saratov, Kazan, Novosibirsk, Kiev... Onde foram mutilados? O que defenderam lá? Ninguém se mostra interessado. Só um menino pequeno não desvia deles os olhos muito abertos, e uma pedinte bêbeda aproxima-se de um soldadito:

«Anda cá... Eu consolo-te...»

Ele afugenta-a com a muleta. Mas ela, sem se ofender, acrescenta umas palavras tristes, femininas.

Ao meu lado estão sentados uns oficiais. Falam das próteses, que são más. Da febre tifoide, da cólera, da malária e da hepatite. De como nos primeiros anos da guerra não havia poços, nem cozinhas, nem banhos, não havia sequer com que lavar a loiça. E do que cada um trouxe: uns, videogravadores, outros, gravadores *Sharp* ou *Sony*. Lembro-me de como olhavam para mulheres bonitas, de aspeto repousado, de vestidos decotados...

Esperamos muito tempo por um avião militar para Cabul. Dizem que primeiro carregam os equipamentos, depois as pessoas. Há uma centena de pessoas à espera. São todos militares. Inesperadamente, há muitas mulheres.

Fragments das conversas:

«Estou a perder a audição. Primeiro deixei de ouvir pássaros de tons mais agudos. É uma sequela do traumatismo craniano... A escrevedeira-amarela, por exemplo, não consigo

ouvi-la de todo. Gravei-lhe o canto e ponho o volume do gravador no máximo...»

«Primeiro disparas e só depois vês quem era: mulher ou criança? Cada um tem o seu pesadelo...»

«Quando há fogo, o burro deita-se; acaba-se o fogo — põe-se de pé.»

«Quem somos na União³? Putas? Sabemos disso. Se ao menos ganhasse o suficiente para comprar um apartamento. E os homens? Como são? Todos bebem.»

«O general falou do dever internacionalista, da defesa das fronteiras meridionais. Até ficou comovido: “Levem-lhes caramelos. Pois são crianças. O melhor presente são caramelos.”»

«O oficial era um rapaz novo. Quando soube que lhe tinham amputado uma perna, chorou. Tinha cara de menina: branca, faces rosadas. No início eu tinha medo dos mortos, sobretudo dos que ficaram sem pernas, sem braços. Depois habituei-me...»

«Fazem prisioneiros. Cortam-lhes os membros e apertam-nos com garrotes para não morrerem de hemorragia. E deixam-nos com este aspeto, os nossos apanham uns cotos. Eles querem morrer, mas são tratados à força. Depois do hospital não querem regressar a casa.»

«Na alfândega repararam na minha mala de viagem vazia. “O que trazes?” “Nada.” “Nada?” Não acreditaram em mim. Obrigaram-me a despir até ficar em cuecas. Toda a gente leva duas ou três malas.»

*

No avião calhou-me sentar junto a um veículo blindado preso por correntes. Felizmente, o major ao meu lado estava sóbrio, todos os outros estavam bêbedos. Alguém dormia sobre o busto de Marx (havia retratos e bustos dos líderes socialistas amontoados, sem estarem embalados), transportava-se o armamento, mas também

³ Forma coloquial de «União Soviética».

tudo o que era exigido pelos rituais soviéticos. No chão havia bandeiras vermelhas, fitas vermelhas...

Uivo da sirene...

«Acorde. Senão perde o Reino dos Céus.» Já sobrevoávamos Cabul.

Iniciamos a aterragem.

... Estrondo dos canhões. Patrulhas de colete antibala, armadas com pistolas-metralhadoras, mandam mostrar os salvos-condutos.

Não queria voltar a escrever sobre a guerra. No entanto, vejo-me numa guerra de verdade. Em toda a parte há gente da guerra, coisas da guerra. O tempo da guerra.

12 de setembro

Há qualquer coisa de amoral na observação atenta da coragem e do risco dos outros. Ontem, no caminho para a cantina, cumprimentámos a sentinela. Meia hora depois, foi morto por um fragmento de mina que por acaso foi parar à guarnição. Passei o dia a tentar recordar o rosto desse rapazito...

Aqui, chamam aos jornalistas fabuladores. Aos escritores também. No nosso grupo de escritores só há homens. Anseiam por ir até postos avançados distantes, querem entrar em combate. Pergunto a um deles:

«Para quê?»

«Acho interessante. Direi: estive no túnel de Salang. Uma oportunidade para dar uns disparos.»

Não me abandona a sensação de que a guerra é fruto da natureza masculina, em muitos aspetos inconcebível para mim. Mas a quotidianidade da guerra é grandiosa. «Oh, meu Deus, como é bela a guerra» (Apollinaire).

Na guerra tudo é diferente: o teu ser, a tua natureza, os teus pensamentos. Aqui compreendi que o pensamento humano pode ser muito cruel.

*

Pergunto e escuto, esteja onde estiver: no quartel de soldados, na cantina, no campo de futebol, no baile à noite — atributos da vida de paz que não esperava ver aqui:

«Disparei à queima-roupa e vi um crânio humano a voar em bocados. Pensei: *É o primeiro*. Depois do combate: feridos e mortos. Está toda a gente calada... Aqui, sonho com elétricos. Como vou de elétrico para casa... Recordação preferida: a minha mãe a fazer tartes. A casa inteira cheira a massa doce...»

«Tornas-te amigo de um bom rapaz... Depois vês as suas tripas penduradas pelas rochas. Começas a vingar-te.»

«Estamos à espera de uma caravana. Passamos dois ou três dias em emboscada. Deitados na areia quente, aliviemo-nos ali mesmo. Ao fim do terceiro dia, ficamos raivosos. E todo o teu ódio extravasa na primeira rajada. Depois do tiroteio, quando tudo acabou, descobrimos isto: a caravana levava bananas e compotas de fruta. Comemos doces para o resto da vida...»

«Aprisionámos uns *dukhs*⁴... Interrogámo-los: “Onde ficam os armazéns militares?” Eles, calados. Levámos dois no helicóptero: “Onde? Mostra-nos.” Continuam calados. Atirámos um contra as rochas...»

«Fazer amor na guerra e depois da guerra não é a mesma coisa... Na guerra, é tudo como se fosse pela primeira vez...»

«O lança-foguetes *Grad* dispara... As minas voam... E só uma coisa impera sobre tudo isto: viver!, viver!, viver! E tu nada sabes nem queres saber dos sofrimentos da outra parte. Viver — nada mais. Viver!»

Escrever (contar) toda a verdade sobre si mesmo é, segundo Púchkin, uma impossibilidade física.

⁴ De *duchman*, combatente da oposição armada afegã (a palavra russa *dukh* significa «espírito», «fantasma»).

Na guerra, o que salva o homem é a consciência distrair-se, dissipar-se. Mas a morte ao seu redor é absurda, ocasional. Sem grande significado.

*

... Inscrição num tanque, a tinta vermelha: «Vingaremos o Málkin.»

No meio da rua, uma jovem afegã gritava, ajoelhada diante de uma criança morta. Talvez só os animais feridos gritem assim.

Passávamos pelos *kichlaks* mortos, que mais pareciam um campo arado. O barro morto da recente morada humana era mais assustador do que a escuridão de onde podiam vir disparos.

No hospital, pus um ursinho de peluche na cama de um menino afegão. Pegou no brinquedo com os dentes e brincou assim, a sorrir; faltavam-lhe os dois braços. «Foram os teus russos que dispararam», traduziram-me as palavras da mãe dele. «E tu, tens filhos? É menino ou menina?» Não cheguei a perceber o que predominava nas suas palavras: seria horror ou perdão?

Há relatos das atrocidades que os mujaidines aplicam aos nossos prisioneiros. Lembra a Idade Média. Aqui realmente o tempo é diferente, os calendários mostram o século XIV.

Em *O Herói do Nosso Tempo*, de Lérmontov, ao avaliar os atos do montanhês que matou à facada o pai de Bela, Maksím Maksímovitch diz: «É evidente que, pelas noções deles, o Kazbitch tinha razão» — ainda que do ponto de vista de um russo fosse um ato abominável. O escritor captou esta admirável característica do homem russo: a capacidade de saber pôr-se no lugar de outro povo, de ver as coisas também «à maneira deles».

E agora...

17 de setembro

Dia após dia, vejo o ser humano deslizar para baixo. Reduzir-se. Raramente — crescer.

Pela boca de Iván Karamázov, Dostoiévski observa: «A fera nunca pode ser tão cruel como o homem, tão artisticamente, tão esteticamente cruel.»

Sim, suspeito de que assim seja: não queremos ouvir falar disso, não queremos sabê-lo. Porém, em qualquer guerra, seja qual for o motivo e quem for que a conduza, Júlio César ou José Estaline, as pessoas matam-se umas às outras. É homicídio, mas não é comum pensarmos nisso, mesmo nas escolas por algum motivo falamos da educação patriótico-militar, não apenas patriótica. Ora, porque me surpreende? É tudo claro: o socialismo militar, o país militar, o pensamento militar.

Não se pode sujeitar o ser humano a tais provas. O ser humano não lhes resiste. Na medicina chama-se a isto vivisseção. Experiência *in vivo*.

À noite, os soldados do quartel situado em frente do hotel ligaram o gravador. Também ouvi as canções «afegãs». As vozes infantis, que ainda não estão completamente formadas, rouquejavam a imitar Vyssótski⁵: «O sol caiu no *kichlak*, gigante como uma bomba»; «Não preciso de glória. A recompensa é sobreviver»; «Porque matamos? Porque nos matam?»; «Começo a esquecer os rostos»; «Afeganistão, és mais do que o nosso dever. És o nosso universo»; «Os homens de uma perna, como aves grandes, saltam junto ao mar»; «O morto já não pertence a ninguém. No seu rosto já não há ódio».

Durante a noite vi o sonho: os nossos soldados vão-se embora, estou no meio das pessoas que se despedem deles. Aproximo-me de um rapazito, não tem língua, é mudo. Depois do cativo. Por baixo da túnica militar vê-se o pijama do hospital. Pergunto-lhe qualquer coisa, mas ele só escreve o seu nome: «Vánetchka... Vánetchka...»

⁵ Vladímir Vyssótski (1938–1980), cantautor e ator, personalidade de culto na URSS, cujas canções, por serem críticas do regime, durante muito tempo não tiveram circulação oficial.

Vejo claramente o seu nome, Vánetchka... O rosto lembra-me o rapaz com quem falei durante o dia e que repetia sempre: «A minha mãe espera por mim em casa.»

Passámos pelas ruelas silenciosas de Cabul, no centro da cidade vimos cartazes familiares: «O comunismo é o futuro luminoso», «Cabul, cidade da paz», «O povo e o Partido, sempre juntos». Os nossos cartazes impressos nas nossas tipografias. O nosso Lenine está de pé aqui, com o braço levantado...

Conheci operadores de cinema de Moscovo.

Estavam a filmar o carregamento da «túlipa negra»⁶. Contam, sem levantar os olhos, que se vestem os mortos com um uniforme antigo dos anos quarenta, ainda com calças *galliffet*, às vezes nem os vestem, até esse uniforme falta. Tábuas velhas, pregos enferrujados... «Trouxeram ao frigorífico novos mortos. Como se cheirasse a porco estragado.»

Quem acreditará em mim, se escrever sobre isto?

20 de setembro

Vi um combate...

Três soldados mortos... À noite, todos jantavam, ninguém se lembrava do combate e dos mortos, ainda que jazessem algures por perto.

O direito do homem a não matar. A não aprender a matar. Este direito não está consagrado em nenhuma constituição.

*

A guerra é um mundo, não um acontecimento... Aqui tudo é diferente: a paisagem, o homem, as palavras. Fica gravada na memória a parte teatral da guerra: um tanque faz inversão de marcha, soam as ordens... As trajetórias cintilantes das balas na escuridão...

⁶ Avião de carga AN-12, que trasladava para a pátria os caixões dos militares soviéticos mortos no Afeganistão.

Pensar na morte é como pensar no futuro. Algo se passa com o tempo quando pensamos na morte e a vemos. Ao lado do medo da morte, está a atração pela morte...

Não é preciso inventar nada. Há fragmentos de grandes livros em toda a parte. Em cada pessoa.

*

Nos relatos impressiona (com frequência!) a agressividade ingênua dos nossos rapazes. Ainda há pouco tempo, eram alunos do último ano da escola soviética. Ao passo que eu quero conseguir deles o diálogo do homem com o seu homem interior.

E no entanto... Em que língua falamos connosco, com os outros? Gosto da linguagem oral, nada pesa sobre ela, está solta e em liberdade. Tudo passeia e festeja: a sintaxe, a entoação, os sotaques e – o sentimento é restabelecido com exatidão. Sigo o sentimento, não o acontecimento. Como se desenvolviam os nossos sentimentos e não os acontecimentos. É possível que o que faço se assemelhe ao trabalho de um historiador, mas eu sou historiadora do que não deixa vestígios. O que se passa com os grandes acontecimentos? Transitam para a história, ao passo que os pequenos, mas importantes para o homem pequeno, desaparecem sem deixar rasto. Hoje um rapazito (pela sua fragilidade e aspeto doentio, pouco parecido com um soldado) contou como é estranho e ao mesmo tempo entusiasmante matar todos juntos. E quão assustador é fuzilar.

Ficará isso na história? Dedico-me com desespero (de livro para livro) ao mesmo trabalho: reduzo a história à dimensão humana.

Pensava na impossibilidade de escrever um livro sobre a guerra estando no meio de uma guerra. A piedade, o ódio, a dor física, a amizade impedem-no... E a carta da família depois da qual dá tanta vontade de viver... Contam que quando matam evitam olhar nos olhos, mesmo nos de um camelo. Aqui não há ateus. E todos são supersticiosos.

Censuram-me (sobretudo oficiais, raramente soldados) dizendo que não disparei e que ninguém me apontou uma arma de fogo – como posso escrever sobre a guerra? Talvez seja bom nunca ter disparado.

*

Onde se encontra esse indivíduo a quem o próprio pensamento sobre a guerra traz sofrimento? Não o encontro. Mas ontem, junto ao estado-maior, estava no chão um pássaro morto de uma espécie que desconheço. Era estranho que... Os militares aproximavam-se, tentavam adivinhar que pássaro era. Apiedavam-se.

Há uma espécie de inspiração nos rostos dos mortos... Não consigo habituar-me à loucura das coisas quotidianas da guerra: água, cigarros, pão... Sobretudo quando saímos da guarnição e subimos para as montanhas. Aí, o homem está a sós com a Natureza e o acaso. A bala acerta ou passa ao lado? Quem será o primeiro a disparar, tu ou ele? Aí, comesças a ver o homem proveniente da Natureza, não da sociedade.

Ao passo que, na União Soviética, a televisão mostra como se plantam as áleas da amizade que aqui nenhum de nós viu nem plantou...

*

Dostoiévski em *Os Demónios*: «A convicção e o homem parecem ser duas coisas que diferem em muitos aspetos... Todos são culpados... se todos se convencessem disso!» Também é dele a ideia de que a humanidade sabe mais, muito mais sobre si própria do que foi capaz de fixar na literatura, na ciência. Dizia que esta ideia não era sua, mas de Vladímir Solovióv⁷.

Se eu não lesse Dostoiévski, o meu desespero seria maior...

⁷ Filósofo, teólogo, poeta e crítico literário russo (1853–1900), muito influente na filosofia e poesia russas do final do século XIX.

21 de setembro

Algures ao longe, trabalha o *Grad*. Mesmo à distância é assustador.

*

Depois das grandes guerras do século xx e de mortes em massa, para escrever sobre as guerras contemporâneas (pequenas), como a afegã, são precisas outras posições éticas e metafísicas. Requer-se o pequeno, o pessoal e o isolado. Uma pessoa. Única para alguém. Não interessa como o Estado a trata, mas quem ela é para a mãe, para a mulher. Para o filho. Como podemos recuperar a visão normal?

*

Também me interessa o corpo, o corpo humano, enquanto ligação entre a Natureza e a história, entre o animalesco e o verbal. Todos os pormenores físicos são importantes: como se altera o sangue ao sol, o homem antes de partir... A vida por si própria é incrivelmente artística e, por muito cruel que soe, o sofrimento humano é particularmente artístico. O lado obscuro da arte. Ontem vi a recolha dos corpos, em bocados, dos rapazes que foram pelos ares ao pisarem uma mina antitanque. Podia não ter ido, mas fui, para poder escrever. E aqui o escrevo...

Ora, devia ter ido? Ouvi os oficiais gozarem comigo nas minhas costas: a menina vai assustar-se. Eu fui, e não houve nada de heroico neste gesto, porque lá perdi os sentidos. Não sei se foi do calor, se da comoção. Quero ser honesta.

23 de setembro

Subi num helicóptero... Do alto vi centenas de caixões de zinco, preparados com antecedência, a brilharem, bonitos e assustadores, debaixo do sol...

Encontramo-nos com algo parecido e logo nasce um pensamento: a literatura asfixia-se nos seus limites... A reprodução e o facto só podem expressar o que é visível ao olhar, mas quem precisará

do relatório pormenorizado do que está a acontecer? É preciso algo diferente... Instantes gravados, extirpados da vida...

25 de setembro

Regressarei daqui como um ser humano livre... Não o era, antes de ver o que fazemos aqui. Sentia-me aterrorizada e só. Depois do regresso, nunca mais irei a um museu militar...

*

No livro, não indico nomes verdadeiros. Uns pediram o segredo da confissão, outros querem esquecer tudo. Esquecer o que Tolstói escreveu: «O homem é fluido.» Nele há tudo.

Mas guardei os nomes no meu diário. Pode ser que um dia os meus heróis queiram ser conhecidos:

Vladimir Agáпов, primeiro-tenente, comandante de uma unidade de tiro; Serguéi Amirkhanián, capitão; Dmitri Bábkin, praça, operador-apontador; Sáia Emeliánovna Babúk, mãe de Svetlana Babúk, enfermeira caída em combate; Viktória Vladímirovna Bartachévitch, mãe de Iúri Bartachévitch, praça caído em combate; Olimpiáda Románovna Baúkova, mãe de Aleksándr Baúkov, praça caído em combate; Tatiána Belozérskikh, funcionária; Maria Teréntievna Bobkóva, mãe de Leoníd Bobkóv, praça caído em combate; Taíssia Nikoláevna Bóguch, mãe de Víktor Bóguch, praça caído em combate; Anatóli Devetiárov, major, propagandista de um regimento de artilharia; Tamára Dóvnar, mulher de Piótr Dóvnar, primeiro-tenente caído em combate; Vladimir Erokhovéts, praça, granadeiro; Tamára Fadéeva, médica bacteriologista; Tatiána Gaissénko, enfermeira; Ínna Serguéievna Galóvneva, mãe de Iúri Galóvnev, primeiro-tenente caído em combate; Vadim Glushkóv, primeiro-tenente, intérprete; Guennádi Gubánov, capitão, aviador; Valentína Iákovleva, sub-oficial, chefe de uma unidade de segurança do Estado; Galina Fiódorovna Íltchenko, mãe de Aleksándr Íltchenko, praça caído em combate; Vadim Ivanóv, primeiro-tenente,

comandante de um pelotão de sapadores; Natália Jestóvskaia, enfermeira; Sofia Grigórievna Juravlióva, mãe do praça caído em combate Aleksándr Juravlióv; Tarás Kétsmur, praça; Anna Khakáss, funcionária; Liudmíla Kharitóntchik, esposa de Iúri Kharitóntchik, primeiro-tenente caído em combate; Valéri Khudiakóv, major; Marína Kisselióva, funcionária; Aleksándr Kostakóv, praça, operador de ligações e transmissões; Evguéni Kotélnikov, sargento-ajudante, instrutor sanitário de uma companhia de reconhecimento; Nadéjda Serguéievna Kozlóva, mãe de Andréi Kozlów, praça caído em combate; Evguéni Krásnik, praça, fuzileiro motorizado; Vassili Kúbik, sub-oficial; Piótr Kurbánov, major, comandante de uma companhia de fuzileiros de montanha; Aleksándr Kuvchínnikov, primeiro-tenente, comandante de um pelotão de lança-morteiros; Denis L., praça, granadeiro; Olég L., piloto de helicóptero; Aleksándr Lavróv, praça; Aleksándr Lelétko, praça; Olég Leliuchénko, praça, granadeiro; Valéri Lisitchénok, sargento de ligações e transmissões; Serguéi Loskutóv, cirurgião militar; Véra Lyssénko, funcionária; Konstantín M., conselheiro militar; Tómas M., sargento, comandante de um pelotão de infantaria; Lídia Efímovna Mankévitch, mãe de Dmítiri Mankévitch, sargento caído em combate; Maksím Medvédev, praça, apontador de aviação; Artur Metlítski, praça, batedor; Vladímir Mikhóláp, praça, operador de lança-morteiros; Galina Mliávaia, mulher de Stepán Mliávy, capitão caído em combate; Evguéni Stepánovitch Mukhórtov, major, comandante de batalhão, e o filho Andréi Mukhórtov, subtenente; Aleksándr Nikoláenko, capitão, comandante de uma patrulha de helicópteros; Natália Orlóva, funcionária; Vladímir Pankrátov, praça, batedor; Galina Pávlova, enfermeira; Ekaterína Nikítitchna Platítsyna, mãe de Aleksándr Platítsyn, major caído em combate; Vitáli Rújentsév, praça, motorista; Serguéi Russák, praça, tanquista; Valentína Kiríllovna Sankó, mãe de Valentín Sankó, praça caído em combate; Nina Ivánovna Sidélnikova, mãe; Vladímir Simánin, tenente-coronel; Mikhaíl Sirótin, primeiro-tenente, aviador; Timoféi Smirnov, sargento, artilheiro;

SVETLANA ALEXIEVICH

Aleksáandr Sukhorúkov, primeiro-tenente, comandante de um pelotão de fuzileiros de montanha; Leoníd Ivánovitch Tatártchenko, pai de Ígor Tatártchenko, praça caído em combate; Vadím Trúbin, sargento de forças especiais; Vladímir Ulánov, capitão; Viktória Semiónovna Valóvitch, mãe de Valéri Valóvitch, primeiro-tenente caído em combate; María Onúfrieвна Zilfigárova, mãe de Olég Zilfigárov, praça caído em combate...

SVETLANA

PRÉMIO NOBEL DE LITERATURA

ALEXIEVICH

«Pela sua escrita polifónica, um monumento
ao sofrimento e à coragem na nossa época.»

De 1979 a 1989, o exército soviético combateu o Afeganistão, uma guerra que gerou cerca de quinze mil mortos e mais de quatrocentos e cinquenta mil feridos e doentes, atingindo profundamente toda uma geração. Alvo de contestação e polémica na União Soviética por altura da sua publicação, acusado por críticos de ser «uma fantasia carregada de mentiras» e parte de «um coro histórico de ataques perversos», *Rapazes de Zinco* oferece um testemunho sentido e afetuoso dos soldados, enfermeiras, mães, filhos e filhas que viveram a guerra e os seus efeitos devastadores.

Nestas páginas revela-se uma história de brutalidade e mentira, próxima da experiência norte-americana no Vietname, marcada simbolicamente pelos caixões de zinco usados para transportar os mortos para casa, perante uma União Soviética que negava o horror e a destruição causados pela guerra.

Recorrendo, como é sua marca, às vozes dos entrevistados, à eloquência e silêncio de um coro polifónico, espelho da realidade, Svetlana Alexievich mostra-nos a verdade acerca da guerra soviética no Afeganistão: a beleza do país contrastando com a violência do exército, a morte, a entrada em força do Ocidente no território e as vidas destruídas dos veteranos de guerra, toldados pela vergonha. Uma visão única, lúcida e poderosa da realidade da guerra.

«Uma obra-prima de reportagem, provavelmente o seu melhor livro.»

Timothy Snyder, *The New York Review of Books*

«Uma grande escritora que utiliza as entrevistas como matéria-prima para construir textos empolgantes sobre a condição humana.»

Miguel Esteves Cardoso, *Público*

